

**ECOS DA PANDEMIA: PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE EM
TEMPOS DE CRISE DA COVID-19**


**ECHOES OF THE PANDEMIC: PRECARIZATION OF TEACHING WORK IN
TIMES OF THE COVID-19 CRISIS**

Recebido em: 06/08/2025

Reenviado em: 27/01/2026

Aceito em: 08/03/2026

Publicado em: 29/03/2026

Gleiciany Lucas Campos¹ 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Fábio Mansano de Mello² 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo analisa as memórias dos professores que lecionaram durante a pandemia da Covid-19 no Ensino Fundamental II, no município de Itapetinga, estado da Bahia. A pesquisa tem como objetivo principal compreender os impactos do isolamento social no processo de trabalho desses docentes. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa com método qualitativo exploratório, possuindo como abordagem o materialismo histórico-dialético que permitiu uma investigação crítica das relações, contexto histórico e condições socioeconômicas durante a pandemia. A adaptação às tecnologias como principal recurso para o processo de ensino aprendizagem desencadeou vários desafios para os professores, como mudanças rápidas na rotina, alterações nas metodologias de ensino, aumento da carga horária e o acúmulo de cansaço e stress que, por sua vez, originou ou deu ênfase aos problemas relacionados à saúde mental e emocional dessa categoria. Os resultados apontam que o trabalho docente nesse contexto foi profundamente afetado por sobrecarga, falta de suporte e adaptação forçada ao ensino remoto, o que levou muitos docentes ao adoecimento físico e mental, com impactos que persistem até os dias atuais.

Palavras-chave: Trabalho-Educação; COVID-19; Precarização; Docente; Memória.

Abstract: This article analyze the memories of teachers who taught during the Covid-19 pandemic in Elementary School II, in the municipality of Itapetinga, state of Bahia. The main goal of the research is to understand the impact of social isolation on the work process of these teachers. The work is characterized as a research with an exploratory qualitative method, using historical-dialectical materialism as its approach, which allowed a critical investigation of the relationships between teaching work, historical context and socio-economic conditions during the pandemic. The rapid adaptation to technologies as the main resource for the teaching-learning process has triggered several challenges for teachers, such as rapid changes in routine, changes in teaching methodologies, increased workload and the accumulation of tiredness and stress, which in turn has given rise to or emphasized problems related to the mental and emotional health of this category. The results indicate that teaching work in this context was deeply affected by work overload, lack of institutional support, and the forced adaptation to remote teaching, which led many teachers to physical and mental illness, with effects that persist to this day.

Keywords: Work-Education; COVID-19; Precariousness; Teachers; Memory

¹ Discente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Brasil, Bahia e Vitória da Conquista. E-mail: gleicianycompouseducacional@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Brasil, Bahia e Vitória da Conquista. E-mail: fabio.m.mello@uesb.edu.br



INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19, que teve seu início no ano de 2020 e se estendeu até o ano de 2023, foi uma crise sanitária causada pelo vírus denominado "SARS-CoV-2" que atinge o nosso sistema imunológico e respiratório, sendo seus principais sintomas a falta de ar, febre, dores no corpo e cansaço. A doença de fácil transmissão fez com que diversos comportamentos e hábitos fossem transformados, sendo o uso da máscara e o isolamento social as principais medidas tomadas para evitar sua proliferação.

Com a necessidade do fechamento das escolas, a educação está entre os setores mais prejudicados no Brasil e as consequências desse período continuam perdurando até os dias de hoje. Além de milhões de estudantes prejudicados em seu processo de ensino aprendizagem, do outro lado, temos docentes que tiveram suas rotinas de trabalho afetadas em todas suas especificidades. Para que o ensino não fosse totalmente interrompido durante o período pandêmico, o ensino emergencial apareceu como uma solução para a continuidade das aulas, contudo, foi durante as aulas remotas que muitos docentes se encontraram em diversas dificuldades.

Nesse contexto de mudanças e inseguranças, os docentes precisaram se adaptar rapidamente ao ensino emergencial, sendo em sua maioria autodidatas nesse processo de aprendizagem. O trabalho, que antes era feito totalmente presencial e que possuía apoio da comunidade escolar, tornou-se solitário e precarizado. Jornada de trabalho extenuante, falta de apoio, dificuldades financeiras e impactos na saúde física e mental foram questões que tornaram o trabalho instável e frágil. Segundo Previtalli e Fagiani, o trabalho remoto:

[...] levou à redefinição do espaço da casa como também espaço do trabalho, implicando numa jornada de trabalho ainda maior em função das atividades domésticas, impactando significativamente na saúde mental desses profissionais [...] (Previtalli; Fagiani, 2022, p. 6).

Face ao exposto, o presente artigo versa sobre a precarização do trabalho docente em tempos de pandemia. Trata-se da socialização de uma pesquisa de mestrado acadêmico, realizada junto ao PPGMLS (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade), que respondeu à seguinte indagação: Quais impactos da pandemia da Covid-19 no processo de trabalho dos docentes do Ensino Fundamental II de Itapetinga - BA? Para responder a essa questão, buscamos a compreensão do processo de trabalho docente, suas peculiaridades e relação com a lógica capitalista; além disso, verificamos as transformações do processo educacional oriundas do isolamento social. Por fim, mas não menos importante,

analisamos as memórias dos professores, no sentido de apreender suas vivências, dificuldades e as metodologias de ensino utilizadas durante a pandemia.

A relevância do estudo reside na necessidade de reconhecer o adoecimento docente como um fenômeno coletivo e estrutural, e não apenas individual. Refletir sobre essas vivências durante um período tão conturbado como a pandemia da Covid-19, contribui para o fortalecimento de políticas públicas que valorizem o trabalho docente e garantam condições dignas para o exercício da profissão.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho adotou uma abordagem qualitativa exploratória, possuindo como método o materialismo histórico-dialético (Marx, 1983) para conduzir a pesquisa científica. Este método “[...] caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir [...] as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história [...]” (Pires, 1997, p. 1).

A pesquisa teve como universo professores do Ensino Fundamental II da rede municipal de Itapetinga – BA que atuaram durante todo o período pandêmico. Em relação às técnicas de pesquisa, fizemos uso da entrevista semiestruturada para compreender melhor nosso objeto, cujas entrevistas contaram com 14 perguntas com temas diversificados sobre o processo de trabalho, adaptação, impactos na saúde e tecnologia. A amostragem foi definida de forma intencional, considerando como critério a experiência dos professores durante a pandemia da COVID-19.

Além disso, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética, sob o seguinte parecer 6.671.412. Entrevistamos dez professores do ensino fundamental II de Itapetinga e aplicamos nomes fictícios a cada um, salvaguardando, desse modo, o anonimato dos participantes.

Os dados obtidos foram sintetizados e analisados com base nos fundamentos do materialismo histórico-dialético, que nos ajudou a compreender as contradições e determinações presentes durante esse período.

TRABALHO COMO ATO EDUCATIVO: UMA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA E HISTÓRICA

Refletindo sobre trabalho, como podemos relacioná-lo à educação? É evidente que, no passado, o trabalho sempre foi considerado isolado da educação, muitas vezes olhado com

desprezo e associado ao trabalho escravo. Saviani (2007), em seu texto “Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos”, escreve que a essência do ser humano está entranhada ao trabalho, pois, pelo olhar do materialismo histórico, o homem transforma a natureza ao seu favor e passa adiante para as próximas comunidades o seu conhecimento acerca da produção, o que já faz disso um ato educativo, ao mesmo tempo em que o homem trabalha, ele se educa. Trabalho e educação são características que nos distinguem dos outros animais e são fundamentais para a evolução da humanidade.

Diríamos, pois, que no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações [...] (Saviani, 2007, p. 157).

Em uma discussão feita por Ciavatta (2019) sobre a relação do trabalho e educação, a autora apresenta uma perspectiva que esclarece a natureza dos termos. Segundo ela, quando os termos trabalho e educação são usados isolados, eles se tornam termos justapostos, cada um possuindo um significado próprio, entretanto, quando utilizados juntos, trabalho-educação com hífen, entendemos uma interdependência entre os termos, tornando-os uma unidade indissociável, que não podem ser considerados de forma isolada. “[...] A educação faz parte do mundo do trabalho na medida em que participa do conhecimento gerado pelos processos de transformação da natureza e da sociedade [...]” (Ciavatta, 2019, p.8).

Essa interligação pode ser percebida do ponto de vista epistemológico, histórico e educacional e são categorias que influenciam diretamente as mudanças na sociedade, “[...] ontologicamente, é pelo trabalho, que o ser humano produz os meios de vida e também se educa, produz conhecimento e sociabilidade [...]” (Ciavatta, 2019, p. 13). A autora destaca ainda que, apesar do trabalho ter um princípio educativo, nos padrões do capitalismo, ele perde essa essência, pois, ao invés da educação ser transformadora, ela se torna alienada e assume características do sistema capitalista, como a produtividade e competitividade.

[...] Observa-se que, à medida que a escola adquire a finalidade de preparar para as exigências da produção capitalista, ela assume, também, as exigências da ordem social desenvolvida nos processos de trabalho, tais como disciplina, exatidão, submissão física, técnica e moral, cumprimento estrito dos deveres, pontualidade, contenção corporal e afetiva [...] (Ciavatta, 2019, p. 145).

Nesse contexto, podemos pensar que os professores se tornam parte de um sistema educacional controlado pelas necessidades do mercado e, desse modo, o trabalho, muitas vezes,



se assemelha a uma linha de produção industrial, no qual os docentes estão sujeitos a apenas reproduzir os valores dominantes, do mesmo modo que os trabalhadores da produção industrial estão inseridos em condições precárias de trabalho, sendo obrigados a serem produtivos e eficientes, mesmo recebendo salários baixos e tendo cargas horárias excessivas. Ao retomarmos a discussão acerca da amplitude do campo trabalho-educação, atentamos para as transformações do metabolismo capitalista, em especial sobre o *ethos* do trabalho docente, uma vez que as novas determinações da acumulação de capitais, no cenário da pandemia, imprimiram uma rotina desgastante do trabalho docente que, não raro, levou os profissionais à intensificação, rotinização e adoecimento no/do trabalho. Vejamos mais de perto.

TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A pandemia da Covid-19 iniciou-se em 2020, e com ela o mundo enfrentou dificuldades que abrangeram todos os setores da sociedade, além da saúde, os dois setores mais impactados foram a educação e o mercado de trabalho. Por meio da Portaria nº 343 de 17 de março de 2020, o Ministério da Educação (2020) autorizou a substituição das aulas presenciais por aulas remotas que utilizassem meios e tecnologias de informação para a continuidade do ensino durante esse período em todo território nacional.

Inicialmente, a portaria teria um período de 30 dias, tendo possibilidade de prorrogação, a depender da orientação do Ministério da Saúde, contudo, todos foram surpreendidos com a longa duração da pandemia, que se estendeu por três longos anos. Esse cenário prolongado resultou em uma série de dificuldades para os professores da educação básica, que precisaram se adaptar rapidamente ao ensino emergencial.

A rápida adaptação às tecnologias, como principal recurso para o processo de ensino aprendizagem, desencadeou outros desafios, como o aumento da carga horária, das despesas para suprir às necessidades do ensino remoto e o acúmulo de cansaço e stress. Estes, por sua vez, originaram ou potencializaram problemas relacionados à saúde mental e emocional dessa categoria.

Ao refletir sobre o cenário da educação na pandemia, cria-se uma confusão acerca da diferença do ensino emergencial e o ensino EAD (Educação a Distância), no entanto, de acordo com Hodges (2020), as duas modalidades são distintas, pois o Ensino EAD possui uma ampla gama de recursos e uma equipe profissional dedicada para a criação de conteúdos e atividades em plataforma *online*. Já o ensino emergencial foi implantado de forma rápida e improvisada, na tentativa de dar continuidade ao ensino durante a pandemia, “[...] o ensino remoto é uma

alternativa emergencial e pontual adotada, ainda que não nominalmente muitas vezes, por instituições de ensino para tentar que o vínculo pedagógico não seja rompido totalmente [...]” (Santana; Sales, 2020, p. 82). Segundo Rondini, Pedro e Duarte, as mudanças no sistema educacional aconteceram rapidamente e sem nenhum preparo prévio, fazendo com que os professores adaptassem “[...] suas aulas presenciais para plataformas *on-line* com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso, ou com preparação superficial, também em caráter emergencial [...]” (Rondini; Pedro; Duarte, 2020, p. 43).

Martins (2020, p. 251) afirma que o contexto da pandemia da Covid-19 suscitou novas e antigas dificuldades do sistema educacional brasileiro, e aponta sobretudo as transformações que dizem respeito “[...] as condições de trabalho do docente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a relevância e o significado dos temas a serem abordados, o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no estudante [...]” (Martins, 2020, p. 251). Assim, torna-se de extrema importância dar voz aos professores que atuaram no Ensino Básico durante esse período, para que, assim, eles possam expressar suas perspectivas em relação a esse período tão desafiador.

Conforme Pretto, Bonilla e Senna (2020, p. 12), refletir sobre a situação dos professores durante a pandemia vai além da dificuldade em proporcionar um atendimento universal a todos os alunos. É necessário também considerar as condições materiais e emocionais dos professores, que lidaram com as pressões e mudanças imediatas do cenário educacional. Os professores sofreram diversas dificuldades decorrentes do isolamento social, “[...] não foram só as práticas que precisaram ser readaptadas, a vida e os lares dos professores também sofreram uma mudança, pois agora as salas de aula mudaram-se para suas casas [...]” (Souza, 2022, p. 3). A pandemia expôs as fragilidades do sistema educacional e abalou as formas de ensinar e trabalhar, a escola que era considerada um local de pluralidade, de troca de ideias e de criar relações, tornou-se um local de medo e de propagação do vírus da Covid-19.

A docência e a educação escolar estão abaladas. A pandemia, ao nos isolar uns dos outros, estudantes, professores, pedagogos, gestores públicos e privados, abala a dinâmica da escola: seu sentido baseado na convivência e compartilhamento de ideias e saberes, na transmissão de conteúdos consolidados e conduzida por práticas seculares encontra-se revirado [...] (Santana Filho, 2020, p. 3).

A única solução para dar continuidade ao ensino foram as aulas remotas, que se tornaram um grande pesadelo para alguns educadores, pois “[...] o professor precisou se apropriar e dominar essas tecnologias para poder ensinar remotamente seu aluno [...]” (França,



2020, p. 2). Apesar do “[...] uso das tecnologias digitais estarem em nosso convívio há vários anos, principalmente entre os jovens e adolescentes, todavia a sua presença e o financiamento na educação eram relativamente baixos [...]” (Trindade, 2021, p. 393), fazendo, desse modo, com que muitos professores não tivessem nenhuma afinidade para ensinar através das Tics (Tecnologia da Informação e Comunicação). Esses desafios, somados às incertezas do período pandêmico, trouxeram diversos impactos à vida docente. É importante salientar que cada professor teve uma experiência diferente no decorrer desse período e que os impactos podem variar de acordo com o contexto individual.

[...] somou-se a isso, a migração da docência para um serviço home office que trouxe a virtualização para o processo educativo com a proposta de mínima perda possível da qualidade do ensino. Contudo, o ensino remoto, apesar de uma solução viável, apresentou algumas desvantagens, como a dificuldade de separação entre a vida pessoal e a profissional, não estabelecimento de limites de jornada de trabalho, sedentarismo, necessidade de aprender manipular tecnologias e aplicativos de comunicação virtual, isolamento social. Aumentando ainda mais a propensão desses profissionais ao desenvolvimento das doenças psíquicas [...] (Batista; Guirardi, 2020; Losekan; Mourão, 2020 *apud* Soares, 2020, p. 4).

Em meio a esse cenário pandêmico, os professores também tiveram que lidar com as novas tendências do mercado de trabalho, a necessidade de se adaptar aos trabalhos informais e a chamada “uberização”, que exigiu flexibilidade e habilidades novas. Em um contexto econômico em constante mudança, os docentes, muitas vezes, tornaram-se reféns da era informacional.

[...] uberização do trabalho, distintos modos de ser da informalidade, precarização ilimitada, desemprego estrutural exacerbado, trabalhos intermitentes em proliferação, acidentes, assédios, mortes e suicídios: eis o mundo do trabalho que se expande e se desenvolve na era informacional, das plataformas digitais e dos aplicativos [...] (Antunes, 2020, p. 15).

Lamentavelmente, a negação e violação dos direitos trabalhistas foi uma realidade para os professores durante a pandemia da Covid-19 e, nesse aspecto, as memórias dos docentes serviram como recurso para compreendermos os principais aspectos que corroboraram para essa precarização. Antes, no entanto, de apresentarmos a reconstrução das memórias desses profissionais, torna-se necessário breves considerações sobre a amplitude e o alcance do conceito “memória” como elemento eminentemente social. É o que tratamos a seguir.

A PANDEMIA DA COVID-19 COMO QUADRO SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DOCENTE

Para refletirmos sobre a questão do trabalho docente e a precarização do mesmo, é fundamental uma aproximação da categoria teórica dos Quadros Sociais e da Memória Coletiva, com fundamento no arcabouço reflexivo de Maurice Halbwachs (1990, 2004). Ao analisarmos as experiências de trabalho dos professores sob a ótica do autor, podemos compreender que a memória está intrinsecamente situada no contexto sócio-histórico e que sempre será influenciada pelo prisma da coletividade.

Assim, nesta investigação, poderemos compreender como o quadro social da pandemia da Covid-19 influenciou a maneira como as memórias dos professores foram construídas e compartilhadas durante esse período. Antes de prosseguirmos, é necessário que tenhamos um entendimento mais aprofundado sobre o autor e as referências que influenciaram na sua formação acadêmica.

O isolamento social impactou na forma como nossas memórias foram construídas, visto que fomos afastados de nossos parentes, amigos e colegas de trabalho, levando-nos, assim, a pensar que concebemos apenas memórias individuais. No entanto, veremos à frente como Halbwachs elabora o conceito sociológico da memória e nos faz entender sobre como nossas memórias individuais vão muito além de percepções pessoais e que elas estão dentro de grandes quadros sociais.

Desse modo, segundo o autor, podemos entender que toda memória precisa se apoiar em marcos para se constituir e que, quando um indivíduo se recorda, ele se ancora nas memórias do grupo social no qual ele está ou esteve inserido, partilhando, assim, de elementos comuns, como: espaços, cultura, valores, vivências, dentre outras. “Da mesma forma, podemos perfeitamente dizer que o indivíduo recorda, quando assume o ponto de vista do grupo e que a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais [...]” (Halbwachs, 1924, p.11, tradução nossa).

Por sermos seres sociais, construímos nossas memórias com base nas convenções sociais em que estamos inseridos, somos guiados por regras compartilhadas, costumes sociais, protocolos e narrativas coletivas. Em seu livro a “Memória Coletiva” (1990), o autor ainda comenta o porquê de muitas vezes não nos recordarmos de nossas memórias de infância, atribuindo esse fato diretamente à influência da sociedade, “[...] se não nos recordamos de nossa primeira infância, é, com efeito, porque nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ente social [...]” (Halbwachs, 1990, p. 38).



Nessa perspectiva, podemos pensar que os professores, apesar de estarem isolados em suas casas, eles foram inseridos no quadro social da pandemia da Covid-19, que foi caracterizado por um contexto de distanciamento social, crise do capitalismo, mudanças nas rotinas de trabalho, uso frequente das Tics (Tecnologias da Informação e Comunicação), problemas de saúde pública, alterações em políticas governamentais, mortes constantes e tantas outras influências daquela sociabilidade. Tudo isso contribuiu para a forma como os docentes construíram, se lembram e interpretam as memórias desse período histórico.

O quadro da pandemia trouxe consigo inúmeros desafios para os professores, além das questões pedagógicas, a discussão também se levanta acerca da sobrecarga de trabalho, desafios com as tecnologias, falta de formação específica para as aulas remotas, falta de infraestrutura nas escolas, desigualdade social e problemas de saúde mental. Esses fatores influenciam diretamente a maneira como os professores se lembram e interpretam o período da pandemia.

Esse caráter social da memória faz com que possamos compreender que esta não se sustenta sozinha, mas sempre precisará se apoiar em uma série de fatores, como contexto histórico, grupos sociais, valores e representações compartilhadas. Assim, nesta investigação, as memórias dos professores durante a pandemia serão utilizadas como recurso para compreender as experiências narradas que impactam diretamente no entendimento do momento atual e influenciam as decisões a serem tomadas no futuro.

É possível voltar dos acontecimentos lembrados aos critérios de significância para tentar interpretá-los. Nesse sentido, a memória torna-se um instrumento de interpretação e, portanto, constitui um recurso hermenêutico [...] (Montesperelli, 2004, p. 119, tradução nossa).

Ainda, segundo Santos e Alves:

[...] em outras palavras, a memória é o mecanismo de condução a acontecimentos recordados por homens e mulheres [...], na vida em comunidade, e como fio condutor entender transformações no seu modo de viver, na vida em movimento e consequentemente na produção da vida visível [...] (Santos; Alves, 2021, p. 5).

Pesquisar sobre a memória dos professores e a precarização do trabalho docente à luz da teoria de Halbwachs permite-nos analisar os impactos no trabalho docente e as condições de trabalho dentro da totalidade da sociedade capitalista. E é a partir dessa compreensão que iremos analisar as memórias dos professores de Itapetinga/BA.

PANDEMIA E TRABALHO DOCENTE: MEMÓRIA DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ITAPETINGA-BA

Na cidade de Itapetinga-BA, tivemos o seguinte cenário, ao total foi constatado 7.956 casos confirmados, desde o início da pandemia, dentre estes, 7.761 pacientes foram curados e 179 óbitos foram registrados. Além disso, foram aplicadas 139.257 de doses da vacina da Covid-19 no município e, ainda, em março de 2022, o secretário de saúde Hugo Sousa comentou: “[...] nossos últimos dois pacientes já estão curados e hoje a gente tem o prazer de dizer que zeramos o número de casos ativos [...]” (Prefeitura Municipal de Itapetinga, 2022, *online*). Hoje o município apresenta uma situação de controle da pandemia com todos os casos ativos zerados.

Nesta pesquisa, nosso interesse principal são as escolas municipais do ensino fundamental II, então, das 48 escolas municipais, 8 são do ensino fundamental II, sendo 6 na área urbana e 2 no povoado. Da área urbana: Colégio Paulo Hagge CAIC, Escola Manoel Novaes, Grupo Escolar Cívico Professora Nair D'Esquivel Jandiroba, Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão, Escola Cívico-Militar Otávio Camões e Escola Maria Amélia.

Sobre o perfil dos professores que participaram da pesquisa, podemos ver uma diversidade no público. Em termos de gênero, optamos em formar um grupo de 10 pessoas, sendo composto por 5 homens e 5 mulheres, dessa maneira, foi possível compreender qual a diferença prática em relação ao trabalho docente entre homens e mulheres. Em termos etários, temos 5 professores na faixa etária de mais de 40 anos, trazendo em suas falas muitas experiências e memórias. Por outro lado, 5 professores estão na faixa dos 30 anos, caracterizando um público mais jovem e com uma visão mais inovadora da educação.

No que se refere à formação acadêmica, 6 entre 10 professores possuem pós-graduação e 4 possuem a graduação. Ainda em relação à experiência profissional, percebemos uma diferença entre os participantes, sendo 8 professores com uma vasta experiência profissional e com mais de 10 anos de sala de aula, enquanto os outros 2 professores são mais jovens e possuem cerca de 5 a 7 anos de docência.

No que diz respeito ao regime de contratação, a maioria dos professores entrevistados é concursado, resultando em 7 profissionais. Por outro lado, 3 professoras são contratadas; essa diferença nos proporcionou entender melhor sobre a precarização do trabalho docente nos dois grupos: concursados e contratados.

Na pandemia, verificamos como a categoria dos professores tiveram seus trabalhos precarizados e intensificados. Com o constante uso da tecnologia, no período pandêmico, os

docentes se encontraram à mercê da atualização técnica, pois os profissionais que não acompanharam os avanços da tecnologia enfrentaram diversas dificuldades para se manter no trabalho durante o ensino remoto. Acerca da intensificação do trabalho na pandemia, a docente Ana comenta:

[...] primeiro que no ensino remoto você não tinha horário, eu tinha 40 horas, de manhã eu estava na aula, parava meio dia, a tarde tinha aula de novo. E aí qual horário seria pra você preparar a aula do outro dia? A noite né. Então o ensino remoto exigiu do professor dedicação exclusiva [...] (Docente Ana, 2024).

A perda da privacidade, a invasão do espaço doméstico, a disponibilidade constante e a falta de compreensão por parte dos pais foram questões que influenciaram na intensificação do trabalho. Nesse aspecto, os docentes “[...] são fortemente impactados em sua subjetividade, podendo desenvolver sentimentos de insegurança, injustiça, insatisfação, falta de reconhecimento profissional, frustração e adoecimento psíquico [...]” (Previtali; Fagiani, 2020, p. 221). A docente Rebeca completa:

Foi muito difícil, por que nós perdemos a privacidade, perdemos o nosso celular, tivemos a nossa casa invadida 24h pela escola, pelos pais, pelo fato deles terem nosso WhatsApp, eles passaram a nos solicitar em horários diferentes, tinha horário que eu estava dando aula e tinha pais me ligando, e eles não entendiam que eu estava em aula remota. Foi muito difícil. As coisas acumularam, por que eu tinha minha filha que também estava em aula remota e eu tinha que acompanhar ela assistindo e eu dando aula remota em outro ambiente [...] (Docente Rebeca, 2024).

Em decorrência desse cenário, os professores que trabalharam durante a pandemia, em especial, do município de Itapetinga, vivenciaram essa desvalorização do trabalho, por um entendimento equivocado por parte das autoridades que consideraram que os professores não estavam trabalhando naquele momento. Houve um corte salarial que afetou os professores contratados e concursados. Os professores com contrato temporário ficaram totalmente sem receber e os professores efetivos perderam suas horas extras. Essa medida impactou a parte financeira e a motivação para continuar trabalhando sem apoio, como relembra a docente Sara:

Olha, eu sou contratada, eu não sou efetiva, então o primeiro impacto foi esse, nós fomos dispensadas, nós fomos dispensadas dos contratos e aí quando a gente retornou já foi pro ensino remoto, então a gente ficou esse tempo todo, né, teve que procurar outra coisa pra ter uma renda, um dinheiro né, voltamos sem salário e foi difícil porque a gente não tinha mais possibilidade de auxílio porque quando tinha auxílio a gente tinha vínculo com a prefeitura, depois disso não pode mais ter acesso ao auxílio quem teve, teve que pôr na justiça, num processo jurídico. Mas o primeiro impacto foi aí, né? A gente foi dispensada ficou sem salário e teve que adaptar a vida de acordo [...] (Docente Sara, 2024).

Durante esse período, o sindicato dos professores de Itapetinga se posicionou em relação às medidas tomadas pelo município (ou pela falta delas). Segundo o próprio diretor do sindicato, o município suspendeu o pagamento dos professores contratados, cortou as horas extras dos professores efetivos e não disponibilizou apoio aos docentes durante esse período. Apesar de todas as adversidades, o sindicato prestou suporte técnico aos professores que não sabiam utilizar as ferramentas digitais, fazia reuniões *on-line* regulamente e continuou pressionando o município para que os direitos dos professores fossem concedidos.

Como diretor do sindicato eu falo em nome de uma categoria, então o município não pagou mais os contratados, porque eles não estavam trabalhando presencialmente, mas eles continuaram responsáveis pelas salas on-line, enviando atividade, tudo na expectativa que aquele momento ia passar e que eles retornariam pro presencial, o que não aconteceu. Além disso, os professores efetivos e no meu caso, a gente perdeu as horas extras que tínhamos feito hora extra, acabamos perdendo a hora extra, porque no entendimento errado, segundo eles a gente não estava fazendo essas horas extras, por mais que a gente estava fazendo o trabalho pelo WhatsApp. A gente estava fazendo esse trabalho entendeu? Então teve essa perda no nosso salário por conta disso [...] (Docente Paulo, 2024).

Já a docente Ester lembra que não houve nenhum tipo de suporte, seja financeiro ou emocional. Mesmo em condições precárias de trabalho, os professores eram constantemente pressionados a manter em dia a aplicação de conteúdo e garantir a devolução das atividades dos alunos, como afirma professora Ester:

Suporte? Literalmente nenhum. Se interpretarem suporte como a plataforma, né? Nós recebemos acesso a plataforma, que acho que era até a UESB que deu um treinamento. E eu não sei se eu posso considerar isso como um suporte. Sabe? Mas em relação as outras coisas não. Nenhum. Nem financeiro, nem emocional, nenhum. Era só mesmo a cobrança com o processo de aplicação do conteúdo e tentar tirar o máximo possível dos alunos, tirar no sentido de fazer com que eles dessem uma devolutiva em relação ao que a gente estava aplicando, né? E de fato conseguir que eles se desenvolvessem dentro dos conteúdos ali dentro que era aplicado [...] (Docente Ester, 2024).

A combinação da desvalorização profissional, somada à falta de recursos tecnológicos e pedagógicos, criam um ambiente de desânimo, frustração e até mesmo *stress*. “[...] A infraestrutura interfere no surgimento do sofrimento psíquico de professores porque se cria um campo de tensão entre o senso de desvalorização profissional, com déficit de recursos, que poderiam aprimorar as condições de trabalho e o ato do ensino [...]” (Tolfo, 2017, p. 92).

Essa ausência de recursos adequados coloca uma pressão a mais nos professores que, muitas vezes, precisam resolver as lacunas do ensino com muita improvisação e criatividade.

Toda essa situação pode levar a um esgotamento, que pode vir acompanhado de ansiedade, depressão e *burnout*. A professora Lídia comenta que, após alguns meses trabalhando no remoto, era quase impossível continuar planejando e lecionando as aulas:

[...] Cara eu tive uma crise muito forte de síndrome do pânico. E eu já não conseguia mais, mas eu vou te dizer foi difícil fazer planejamentos e tirar alguma coisa de fato dos próprios alunos e aí eu me desesperei de fato. Porque eu já não conseguia mais pensar, não conseguia trabalhar, não conseguia fazer mais nada. Também por causa da questão financeira que estava apertando cada vez mais. Então com a síndrome do pânico e essas crises de ansiedade eu acho que foi o pior momento. Com poucos meses eu já não conseguia mais trabalhar [...] (Docente Ester, 2024).

Dentro desse contexto de precarização, conseguimos observar, pelas falas dos docentes, que o principal impacto positivo que o ensino remoto trouxe à prática docente foi a relação e aprendizado da tecnologia, “[...] fazer uso das tecnologias como aliadas certamente tornar-se essencial diante da realidade plural que estamos a experienciar, contudo nossa opção não poderá ser de apenas oferecer de forma acrítica atividades remotas aos nossos estudantes [...]” (Santos, 2023, p. 9).

Em contradição, vê-se, nos discursos docentes, muitas reclamações acerca desse período. O adoecimento, a carga excessiva de trabalho, as dificuldades de apoio, a falta de formação e a dificuldade de lidar com o novo perfil de aluno pós-pandemia são questões preocupantes. A partir de agora,

[...] a expectativa é de que, terminada a pandemia, os professores e alunos voltarão diferentes ao ambiente escolar, do que quando a deixaram. Devido ao isolamento, sacrifícios, regras, ritmos diferentes de trabalho, descanso, disciplina, ansiedade, cuidados com a higiene, distanciamento entre as pessoas, falta de perspectiva de aumento e valorização salarial e profissional, falta de ânimo, fará com que os profissionais da educação e alunos estejam diferentes, ao menos do ponto de vista psicológico e comportamental [...] (Santos, 2024, p. 8).

Todas essas questões revelam um trabalho exaustivo e precarizado que agora apresenta novos desafios para os educadores em todo o Brasil, que é viver em uma realidade pós-pandemia repleta de consequências desse período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, concluímos que houve, sim, um processo de precarização do trabalho docente durante a pandemia. Após a investigação, os resultados obtidos reafirmam como o capitalismo tem adotado novas formas de intensificar e precarizar o trabalho.

Compreendemos que a precarização do trabalho está intrínseca ao modo de produção capitalista e suas novas dinâmicas. Dentro desse contexto, os professores têm sido gradualmente atingidos por condições de trabalho cada vez mais instáveis, flexíveis e intensificadas. Com o contexto pandêmico, essas condições foram evidenciadas e trouxeram à tona questões como: desigualdade tecnológica, sobrecarga de trabalho, falta de suporte institucional, desvalorização profissional e impactos na saúde mental e física.

No decorrer da investigação, compreendemos a pandemia como um quadro social da memória, no qual nomeamos como “Quadro social pandêmico”. A partir dessa perspectiva, entendemos que a vivência dos docentes durante a pandemia não poderia ser analisada dissociada do contexto social e dos seus grupos compartilhados, foi através deles que as memórias docentes se moldaram e se organizaram. As memórias dos docentes foram um recurso crucial para entendermos como os professores transformaram o momento de dificuldade e enfrentaram as adversidades impostas pela pandemia.

Um dos primeiros aspectos de dificuldade e precarização que identificamos nas entrevistas dos docentes foi a questão da adaptação tecnológica. Muitos professores, sem conhecimento prévio acerca da utilização das TICS (Tecnologias da Informação e Comunicação) para lecionar, enfrentaram sentimentos de inadequação e até mesmo impotência. Além disso, os professores também expressaram insatisfação em relação à ausência de apoio efetivo por parte do município, à falta de um curso de capacitação mais eficiente e à inexistência de suporte técnico que se tornaram um grande dilema para a maioria dos professores.

Um das adversidades mais comentadas nas entrevistas foi o impacto à saúde. Devido ao isolamento social, a falta de diferenciação dos espaços de trabalho e descanso e o aumento do tempo em frente às telas, problemas como dores nas costas, tensão muscular e fadiga visual contribuíram para um quadro de esgotamento físico. Com a perda da rede de apoio, devido ao isolamento social e ao aumento da jornada de trabalho, a sensação de solidão e de esgotamento mental se intensificaram entre os professores. Como consequência, sintomas como *burnout*, síndrome do pânico, ansiedade e depressão atingiram os professores do município de Itapetinga.

De acordo com as experiências conhecidas por nós, por meio das entrevistas, conseguimos perceber como a experiência de ser professor durante o período pandêmico foi desafiador. Identificamos nas falas sinais de cansaço, stress e um grande impacto na saúde mental e física; apesar de tudo isso, os professores continuaram se dedicando e perseverando durante esse período.

Desse modo, torna-se claro que a saúde do professor não pode ser dissociada das condições estruturais de trabalho, evidenciando assim a necessidade de políticas públicas e institucionais que garantam melhores condições laborais, suporte emocional e formação adequada, especialmente em momentos de crise social e sanitária. Com o fim da pandemia da Covid-19 se instaura um novo cenário que nos convida a reflexão sobre o papel do professor e os caminhos para uma educação transformadora pós pandemia. Por fim, este estudo contribui para ampliar a compreensão sobre os desafios enfrentados pelos professores, apontando caminhos para a valorização da profissão e a promoção do bem-estar docente. Não obstante, esperamos que o debate qualificado sobre as formas de trabalho docente na pandemia e pós-pandemia possa reverberar nas mais variadas instituições educacionais, com o fito de melhorias nas condições objetivas de trabalho e promoção de políticas públicas que estabeleçam o trabalho docente como prioridade no processo educativo, e não como acessório tal qual vislumbrado pela ótica da acumulação de capitais. Trabalho árduo, porém, necessário.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, R. Pandemia desnuda perversidades do capital contra trabalhadores. **Brasil de Fato**, 27 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/27/ricardo-antunes-pandemia-desnuda-perversidades-do-capital-contratrabalhadore>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 mar. 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CIAVATTA, M. **A historiografia em trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004 [1925].

HODGES, C. *et al.* The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **EDUCAUSE Review**, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn3>. Acesso em: 22 mar. 2024.



ITAPETINGA. Prefeitura Municipal. **Portal COVID-19**. Itapetinga, 2020. Disponível em: <https://itapetinga.ba.gov.br/covid19/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MARTINS, R. X. A COVID-19 e o fim da educação a distância: um ensaio. **Em Rede - Revista de Educação a Distância**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 242–256, maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.53628/emrede.v7i1.620>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MARTINS, S. C. B. *et al.* As tecnologias na educação em tempos de pandemia: uma discussão (im)pertinente. **Revista Interacções**, [S. l.], v. 16, n. 55, p. 6-27, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/21019>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MONTESPIRELLI, P. **Sociología de la memoria**. Buenos Aires: Editorial Nueva Visión, 2004.

PIRES, M. F. de C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 83–94, ago. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PRETTO, N.; BONILLA, M. H.; SENA, I. **Educação em tempos de pandemia**: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do Autor, 2020.

PREVITALI, F. S.; FAGIANI, C. C. Trabalho docente na educação básica no Brasil sob indústria 4.0. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 156-165, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/ssS88W9PXMt85vTJqV8fFTP/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 41–57, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SANTANA FILHO, M. M. S. Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia covid-19. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 16, n. 1, p. 3-15, maio 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/50449>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SANTANA, C. L. S.; SALES, K. M. B. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia covid-19. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>. Acesso em: 3 nov. 2024.

SANTOS, D. P. de S. Trabalho docente: novos desafios para o professor pós-pandemia. **Altus Ciência**, [S. l.], v. 17, n. 17, p. 457–468, jul. 2023. Disponível em: <http://revistas.fcjp.edu.br/ojs/index.php/altuscienca/article/view/143>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SAVIANI, D. Formação e condições de trabalho docente. *In*: SAVIANI, D. **Educação e cidadania**. Campinas: Alínea, 2007.

SOARES, W. D. *et al.* Ansiedade, depressão e adesão medicamentosa nos professores de educação física em tempos de pandemia. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 29, n. 62, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18066/revistaunivap.v29i62.4413>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SOUZA, G. S. L. de. **Uma análise do ensino remoto emergencial nos anos iniciais em escolas públicas de Santana do Livramento/RS**. 2022. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Gestão Pública) – Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riiu/7170>. Acesso em: 11 jul. 2024.

TOLFO, S. R. B. **Organização do trabalho escolar e o mal-estar dos professores: o desafio de integrar pessoas**. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

TRINDADE, L. do C. C.; CARMO, L. F. do; SILVA, B. A. da. Percepção dos professores sobre o ensino remoto emergencial durante a pandemia da Covid-19, na Vila de Carapajó/Cametá, Pará. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 8, n. 18, p. 385-395, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/13146>. Acesso em: 3 nov. 2024.